



CASA MUNICIPAL DE KINGSTON.

KINGSTON-sobre-o-Tamisa, na margem do sul, a dez milhas inglezas de Londres, é rica de antigas recordações para os que investigam a historia da Britannia meridional: mas como esse exame é para nós destituido de interesse limitar-nos-hemos a dizer que fôra logar importante no dominio dos romanos, como estação militar; e depois durante a soberania dos saxonios por ser o logar onde os principes do paiz eram coroados; julga-se que disto lhe proviera o nome, porque Kingston soa como *cidade dos reis*. Nas guerras civis do seculo 17.^o é notavel por ser a primeira cidade em que se ajuntou corpo armado a favor de Carlos 1.^o, e a ultima em que se fizeram esforços para manter a monarchia abalada. Alem das memorias do passado, de que permanecem reliquias, a situação picturesca convida muita gente da capital a fazer para aquelle lado os seus passeios.

A nova casa municipal de Kingston, ou palacio das sessões dos tribunaes e do conselho no andar superior, e que no pavimento baixo serve de mercado, está representada pelo lado do frontispicio na gravura desta pagina: cahida em ruinas a antiga, que datava do tempo da rainha Isabel, deliberou a corporação dos cidadãos edificar a presente, demolindo a outra: e foi começada a obra em Novembro de 1838. É no gosto da architectura italiana, ou para melhor dizermos, no estylo greco-italico, porque combina o esbelto e gracioso do gosto italiano com a severidade da eschola grega. Encostadas aos quatro angulos elevam-se quatro torres: nas faces do nascente e poente ha quatro arcos em cada uma, e só tres no lado do norte; da parte do sul é a principal entrada, que se distingue por um portico com tres arcos salientes, coroado por uma balaustrada, e no centro della se collocará a estatua da rainha

Anna, que occupava um nicho da antiga casa. Por uma escadaria na torre á direita sobe-se ao vestibulo, que franqueia a entrada para as salas dos tribunaes e do conselho.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

1571

III

(Veja-se a pag. 338 deste vol.)

Partida de Villa-Viçosa — Estremoz — Evora — Monte-mór Novo e Barreiro.

VEIO o duque com seu irmão e 100 cavalleiros acompanhando o legado, obra de meia legua, e despedindo-se, passou a Borla villa sua, formosa e plana, de 600 fogos, a distancia d'uma legua. Pouco depois encontramos o corregedor e alcaide d'Estremoz, villa de 400 fogos e distante uma legua, acompanhados de 100 cavallos. Aqui pernoitamos.... o legado em casa do donatario D. Constantino de Bragança, e os demais por casas particulares, incommodados por dormirem em colchões no chão, sendo este o costume do paiz, por se usarem pouco leitos.... Ao redor da villa ha montes de pedra marmore com veios vermelhos, a qual serve para os edificios, e n'algumas partes barro vermelho misturado de branco, do qual fazem diversos vasos muito lindos, e jarros, pelos quaes costumam beber os fidalgos e até o proprio rei.

Foi de grande prazer, ao entrar nesta villa, ver tres corpos de danças semelhantes ás d'Elvas, e dos lados fogos d'artificio, e foguetes, e ouvir o estron-

do da artilharia e dos sinos, sendo acompanhado o legado com dez tochas accezas, e com muitas outras os prelados e gentis-homens, aos seus respectivos aposentamentos.

No dia seguinte . . . chegamos a uma estalagem distante tres leguas, por caminhos algum tanto pedregosos e ingremes, posto que o territorio fosse bom e fructifero. Ahi encontrámos o bispo d'Evora, homem de 50 annos, de aspecto mortificado e de santidade, acompanhado de parte do clero, e outras pessoas, ao todo de 200. Na dita estalagem almoçamos doces, presunto do melhor que é possível comer-se, capões assados frios, queijo excelente, pão alvissimo, e optimos vinhos, tudo ordenado pelos mantieiros delrei com muito cuidado e diligencia: a louça era de prata e os copos de ouro. Depois encaminhando-nos para Evora, veio-nos ao encontro D. Diogo de Castro, homem de 50 annos, e pessoa principal entre os visinhos da cidade, logar-tenente delrei nas cousas de guerra. Cavalgava um formoso e hem arreado ginete, e vinha acompanhado, de 500 homens de serviço ordinario, alem de 10:000 peões, de sua milicia, e 400 soldados hem postos, montados em formosos cavallo, pela maior parte á gineta. Perto d'Evora, obra de um terço de legua, appareceu o governador, o alcaide, e o juiz com vestiduras tálares de panno, seguidos de meirinhos e outros magistrados na ordem seguinte. Enfileirados d'uma banda vinham oito trombetas tocando, vestidos de lhama d'ouro, igual á das bandeiras das trombetas, com divisas brancas e verdes, tabardos de méscia e barretes de panno vermelho. Seguiam-se dez alabardeiros, com a mesma divisa, e barretes brancos, que eram a guarda do governador. Atraz destes vinham outros dez vestidos de panno de méscia com barretes pretos, os quaes eram a guarda do alcaide. Da outra banda viam-se tres pretos montados em mulas cubertas até o chão com gualdrapas de panno negro e amarello, e vestidos de . . . (1) com um pequeno capuz atraz, e com calças curtas de marinheiro, das mesmas côres, e barrete liso e alto com a aba revolta até meia altura, e uma faixa de cendal ao redor. Cada um delles tocava dois atabales pendurados de um e d'outro lado da sella. O som era ás vezes aprazivel e suave; mas batendo com mais força, aspero e espantoso; o que fizeram ao approximar-se o legado, em signal de maior alegria, o que tem por costume em tempo de guerra quando alcançam victoria. Seguiam-se tres troços d'alabardeiros, cada um de seis homens diversamente vestidos, os quaes formavam a guarda dos outros magistrados. No meio destas companhias caminhavam os ditos senhores, precedidos de muitos ministros com varas nas mãos, insignia da justiça, todas compridas e brancas, á excepção da do governador, que era como bastão da grossura de um braço, pintado de verde e branco. Junto da cidade appareceram dez rapazes vestidos de verde dançando á mourisca ao som de pandeiro, e logo depois outros dez vestidos d'amarello com tambor e flauta, dançando tambem, e saltando com um meio arco, que cada um delles trazia, enredando-se, e desenlanchando-se rapidamente. Apoz estes vieram mais dez vestidos de romeiros, bailando á roda de um tambor, e cantando os louvores do legado. Ainda appareceram mais dez egypcias ou ciganas, vestidas como já descrevemos, fazendo alem da sua dança costumada, e ao som de tambor, varios jogos com lenços e varas. Vieram logo apoz dez ciganos, que ao som de outro tambor, collocando-se cada um entre duas

(1) *Festito come burico sciolto!*

dellas formaram uma graciosa cadeia. Ultimamente á porta da cidade dez rapazes vestidos de branco com vergontas nas mãos bailavam á roda d'uma cadeira de velludo cramesim franjada d'ouro, a qual traziam oito rapazinhos mais pequenos com briaes brancos, e com aureolas d'ouro na cabeça, apresentando-a ao legado, e curvando-se, como todos os outros, que vinham fazer, um por cada vez, sua mesura, e depois todos juntos, em quanto as danças, jogos e cantos continuavam sempre adiante do legado.

. . . Entrou no palacio do arcebispo [em Evora] que hospedou á sua custa o legado, os prelados, e alguns mais, com toda a sumptuosidade. O mesmo foi nas casas dos fidalgos que recebiam esplendidamente os que eram hospedados nellas. Os aposentos, alem dos forros de finissimos pannos de Flandres, tinham os pavimentos cubertos de tenros e verdes juncos marinhos, que usam em occasião de festas e de casamentos. Costumam estar á mesa duas ou tres horas. Cada qual tem o seu copo: a meio jantar mudam-se os guardanapos: os guisados de carne poem-se na mesa já partidos em bocados e cubertos, e tanto nestes como em outros deitam dentro ovos cosidos, muitas especiarias, e assucar. Não são lutas as comidas; mas são abundantes, e dizem que a maior parte dellas são usadas pelos mouros. De cada vez não trazem á mesa mais que um manjar, e por isso os jantares duram tanto tempo; o qual entretem conversando, fazendo saudes, e offerecendo uns aos outros o que vem á mesa, mostrando-se todos muito alegres.

. . . Viemos, a tres pequenas leguas, d'ahi á estalagem de Monte-mór Novo, onde almoçamos doces e pasteis de peixe fresco e salgado, e andadas mais duas leguas pequeninas chegámos a Monte-mór, bella villa de 800 fogos, cercada de prados e assentada á margem de um rio. Acha-se povoada no sopé do monte, não podendo habitar-se a villa antiga [hoje quasi deserta] por causa do incommodo e despeza de subir ao alto, e conduzir lá as cousas necessarias, por ser elevadissimo o monte. Nem lá está auctoridade alguma á excepção de Fernando Martins alcaide e castelleiro d'uma fortaleza ou palacio antigo.

No dia seguinte chegamos d'ahi duas leguas ás estalagens chamadas da Silveira e da . . . (2) pouco distantes uma da outra, e tomando leve collação andamos outras duas leguas e chegámos á Landeira, povoação ou burgo de 20 fogos espalhados, na qual, posto que esteril e incapaz, tinham feito mercado de mantimentos trazidos dos arredores. Ergueram-se ahi dez tendas de campanha ao modo mourisco, e como o campo estava verde e alegre, nellas se recolheram alguns prelados e gentis-homens, querendo antes outros soffrer dentro das casas o dormir sobre um colchão deitado no pavimento que debaixo das tendas onde cada um tinha dois, só por não ficarem expostos ao ar. Apesar disto o legado se accommodou bem em uma casa, e foi servido de tudo. Gostamos do sitio por ser desafrontado e gracioso. De dia todo o territorio parecia cuberto de um exercito em campo: á noite viam-se de redor muitas fogueiras que alegravam os moradores da povoação. Eram estes promptissimos em servir-nos, e tendo vindo obra de uns trinta ao encontro do legado montados em ginetes creados naquelles sitios, nos divertiram bastante fazendo carreiras, dois a dois, com as mãos dadas, correndo com grande ve-

(2) *La Raugina.*

locidade, e parando no meio da carreira com toda a facilidade.

No outro dia [sabbado 1.^o de Dezembro] depois d'almogo, partimos com chuva por uma estrada plana e arenosa, por meio de bosques; e deixando á esquerda Setubal povoação de 4000 fogos, e de muitas marinhas, que são onde o oceano espraia-se fórma uma lagôa, da qual como da de Cervia em Italia se tira sal com abundancia, chegámos a Palmella, villa de 1000 fogos.....(3)

.....Caminhamos por via plana e por entre bosques apraziveis, encontrando ora á esquerda ora á direita algumas aldêas pouco distantes umas das outras, todas graciosas, com as casas mui claras por fóra, e rodeadas de regatos, olivae, e prados: eram estas aldêas Coína de 35 fogos, Alhos-vedros de 300, Palhaes de 40, Telha de 30..... Pela volta da noite, acompanhados com dez tochas, chegamos ao Barreiro, bella villa de 300 fogos. Apeamo-nos á porta d'uma boa casaria, onde mora o alcaide, e onde os reis costumam receber as rainhas, quando casam em Castella, ou outras personagens que por ahí passem. Estava toda adereçada de finissimos pannos de Flandres de seda e ouro, excellentemente historiados. A antecâmara do legado tinha um leito com columnas embutidas de ouro e negro, com varios lavores de animaes e arvores. O cortinado era de damasco preto, orlado de recamo d'ouro, os travesseiros de preciosa hollanda, recamados d'ouro, abotoados com muitos botões d'ouro macisso. A camara tinha um leito de brocado d'ouro, canotilho sobre canotilho, com docel irmão, e travesseiros iguaes aos de fora. A sala onde comiam os prelados tinha um docel de velludo negro todo cuberto de lyrios d'ouro, e orlado de brocado de prata, com florões pretos. No aparador estava louça, entre dourada e de prata, que valeria 12000 ducados, havendo muitas peças lavradas de figuras, e quatro frascos ou talhas irmaãs de 13 palmos d'altura. Na sala dois castiçaes de prata, que davam pela cintura, sustinham grossissimas tochas brancas, delicadamente lavradas de relevo. Em todos os aposentos havia cheios suavissimos, adornos pelas paredes, e juncos pelo chão. Os do legado estavam todos tapizados. Nas casas onde nos alojamos tudo era commodissimo e bem adornado, como camas de seda, e comida prompta para os que preferiam comer no seu quarto, que eram poucos, sendo muito mais agradável o sumptuoso apparatus de casa do alcaide, onde, ainda que a mesa fosse mal ordenada, porque esta gente tem pouco geito para isso, tínhamos uma cêa magnifica e melhor que todas as que até ahí tiveramos, sendo servida por trinta mancebos fidalgos, e em riquissima baixella d'ouro e prata. Em outras duas casas os gentis-homens e mais familia foram tratados com igual magnificencia, bebendo por copos de prata até os infimos creados, não faltando tochas para acompanhar os que vinham cêar, voltando para a pousada, ou iam para qualquer parte. Á mesa dos prelados o improvisador *Cueres* (?) cantou á guitarra, em honra do legado e da infante D. Maria de Portugal de quem era tudo aquillo, e que fazia toda a despeza, os louvores dos prelados e d'alguns gentis-homens; e depois varios outros á viola, aos tres e aos quatro, cantaram madrigaes engraçados, e bem trovados com palavras castelhanas. Muitos mancebos nobres, alem dos trinta cuidavam com toda a attenção e presteza em servir

o legado, e depois os prelados e mais pessoas, não deixando faltar cousa alguma que fosse necessaria, ou que se desejasse, tendo sido com este intento mandados de Lisboa pela serenissima infante. Alem do que os donos das pousadas faziam aos seus hospedes toda a casta de obsequio e cortezia. Á tarde, depois do escurecer foi espectaculo admiravel o vêr Lisboa, a distancia de duas leguas, assentada n'um alto, que parecia arder todo, tal era a multidão de fogueiras.

NECESSIDADE DE BOM CONSELHO.

Foi opinião singular de alguns philosophos que *não necessitava o sabio de assistencia alheia, e que todas as cousas que estavam separadas delle lhe podiam servir*. Esta proposição tirava a amisade do numero das cousas necessarias, e a contava só entre as agradaveis. Mas os philosophos de maior auctoridade, os discipulos da escola de Platão e Aristoteles, creram que sem amisade era a felicidade imperfeita, e a virtude inutil: ensinaram que entre os bens estranhos eram os amigos os mais uteis, e mais para desejar; e finalmente consideraram mais com experiencia do que com discurso especulativo que a amisade era entre os homens socorro e conservação reciproca. Só Deus póde estar contente consigo mesmo; só elle é quem, sendo essencialmente rico de todos os bens, póde lograr uma solidão felicissima e abundante de todos os bens. Elle só é quem póde operar sem instrumentos, porque obra sem trabalho: é só quem, tirando todas as cousas da sua natureza mesma, não póde sentir diminuição alguma. Pelo contrario, os homens não podem uns sem outros, nem viver bem, nem ser ditosos, nem ser homens, são reciprocamente unidos por commum necessidade de commercio, e considerando-os em geral, são partes integrantes, de que fórma um todo a vida civil.

Os offendidos pedem justiça, os miseraveis amparo, os afflictos consolação; mas todos universalmente necessitam de conselho: este é o grande elemento da vida civil, não menos necessario que a agua e fogo para a vida natural. A este fim se encaminham os dois meios de obrar de que a natureza os dotou, a rasão e as palavras. Os animaes obram pela subita deliberação do impeto natural, pela presença do primeiro objecto. Os homens obram pelo discurso, e tendo a liberdade de eleição, passam do presente ao futuro, do primeiro ao segundo. Os piratas se servem de conselho. O conselho tem uso entre os barbaros, com mais poderosa rasão entre os povos politicos; sobre tudo os sabios necessitam de ser aconselhados, porque a sabedoria é suspeita nos negocios particulares. O homem é tão visinho de si mesmo, que não deixa logar livre para a conclusão do conselho: as duas rasões que deliberam nelle se confundem na communicação, embaraçando-se a que propõe com a que deve concluir. É necessario que a pessoa que aconselha seja distincta da aconselhada. É necessario que haja uma distancia proporcionada entre os objectos e as faculdades que julgam; e assim como os olhos perspicazes se não podem ver a si mesmos, assim os juizes mais vivos não podem julgar seus proprios interesses. Supposto que tenhamos mais que natural e ordinario conhecimento das cousas, não devemos engeitar os meios humanos, nem desprezar os socorros da rasão, e a grande luz da verdade que se tira dos conselhos. Reconheçamos a imperfeição do homem separado dos homens, e as vantagens que tem a sociedade sobre a solidão.

(3) Na descripção de Palmella nada ha notavel, salvo o que diz respeito á ordem de Santiago, que melhor se póde vêr nos seus estatutos, e em muitos livros vulgares. Por isso o omitimos.

São diversas as hierarchias dos vassallos que podem ter emprego na administração dos estados. Ha entendimentos de mediocre capacidade que dispoem e preparam bem os negocios. São bons no principio, abrem os caminhos, e apontam as difficuldades que sempre se topam na entrada das negociações. O principe use destes sujeitos todos os dias, e lance sobre elles as funcções mais grosseiras do governo. Ha entendimentos de mais superior elevação, a que o principe pôde fiar empregos mais importantes, e a que pôde dar uma nobre parte de seus cuidados.

Estes governam com o principe, mas não igualmente; e não são máus pilotos em estações brandas e mares pouco agitados. Mas quando o principe é ditoso, e o céu mostra que o ama, é quando encontra espiritos da primeira ordem, almas iguaes ás intelligencias em vigor e entendimento: homens emfim que Deus creou expressamente para prevenir nelles o remedio dos males do seculo, e para serenar as tormentas da patria em que nasceram. — *Duarte Ribeiro de Macedo: — Aristippo, ou Homem da Corte.*



FESTEJOS ANTIGOS PELO NATAL.

A FESTIVIDADE commemorativa de Nascimento do Salvador é hoje [25 de Dezembro] celebrada por todas as *communhões christãs*, quer catholica, a unica uniforme em crença, permanente e indivisivel, quer protestantes e scismaticas em suas infinitas ramificações. Dos escriptos de S. João Chrisostomo vê-se que nos tempos primitivos da Igreja o Natal e a Epiphania (1) se festejavam conjunctamente: (2) a separação das duas solemnidades foi determinada no concilio Niceno, em o anno do Senhor 325: mas os armenios continuaram o rito antigo até o seculo 13.^o (3).

Os povos europeus celebram o Natal com muitos e varios folgares e brinquedos, vestigios evidentes

(1) *O dia de Reis.* A palavra é voz grega, que significa *aparição, manifestação.* Commemora o milagre da estrella, guia dos tres Magos do oriente.

(2) *Homil. in Diem Nativ. D. N. J. Christi.* — Oper. edit. Montfaucon, tom. 3.^o fol. Par. 1718, pag. 354.

(3) Consulte-se sobre a fixação desta festa, e data do Nascimento, Baronio. — *Apparatus ad Annales ecclesiasticos* fol. Lucæ. 1740. pag. 475 et seq.

do paganismo, que não era possível, como em outras festas, desarraigarem por serem habitos inveterados: com a lima dos seculos se poliram os abusos, e o esquecimento das tradições fez que se desvanecessem praticas, que ninguem em outras eras ousaria condemnar. Ficaram algumas, que por innocentes e familiares todos abraçam, como os cumprimentos e presentes reciprocos, e os cantares de alegria que entõa em muitas villas das nossas provincias a turba movediça dos rapazes, esperançados na retribuição, que denominam *consoada*. N'algumas villas conserva-se o costume antigo portuguez de entõar umas lóas ao divino, descantadas pelo silencio da noite, antes da *missa do gallo*, á porta das pessoas de amizade, e que tem certo rythmo particular, proprio da vespera deste dia, porque no dia primeiro do anno e na vigilia dos Reis ha outras tonadilhas, igualmente especiaes; este uso, desconhecido em Lisboa, tem certa graça e jucundidade, quando a estação permite vaguear de noite; e muitas vezes são os cantores acompanhados pelo som accorde de instrumentos musicos. Em summa o Natal é uma das

grandes festas anniversarias das familias, que não as podendo dar todos os dias escolhem as que o calendario ecclesiastico lhes aponta. Ninguem póde taxar de abusiva uma pratica, que vincula os laços da amizade e da boa convivencia social, e em animos pacificos diffunde regosijo.

Os inglezes ainda hoje commutam presentes de doces e outros objectos delicados; e nas terras provincianas, com especialidade, enfeitam as suas habitações com as ramadas d'asevinho e de outras arvores sempre virentes. Em tempos mais remotos faziam grandes mascaradas com figuras extravagantes; appareciam o gigante descommunal e ridiculo, o drago movido por impulso humano com satellites comicos, o homem selvagem que motivava riso por seus momos e tregeitos, e grande numero de personagens irrisorias, segundo a phantasia e capricho de cada um: nomeava-se o *lord of misrule* que era o capitaz de toda aquella ingrezia; não faltavam banquetes de comezana e bebidas; cortava-se no parque do proprietario que dava a festa um grande madeiro de arvore robusta, a que punham fogo, para servir como de grande brazeiro, e facho [se é que uma arvore verde póde dar luz] no meio do tumulto dos convivas. Resaibos eram estas funcções dos costumes dos anglo-saxonios. A gravura precedente dá idèa de uma noite dessas, consagrada ao folguedo da pantomima; e tem o merecimento de ser copia de um quadro que representa um desses obsoletos festejos na sala de jantar do paço de Haddon, no Derbyshire: foi trasladada da obra de Nash, que se intitula — *Mansões inglezas no tempo antigo*. — Ver-se-ha que na casa feudal não falta o coreto da musica, nem por adornos os tropheus de armaduras, e outros das caçadas dos nobres, divisando-se penduradas das paredes as cabeças de veados com os galhos enormes; candelabro ao meio e bandeiras com os brazões da familia e do reino eram accessorios indispensaveis, e a turba dos concurrentes nessa noite divertida se comprazia em seu folgar. Gatos, cães, rapazes e creados ainda mais importunos e inquietos que os primeiros, entravam na chusma para complemento da algazarra. — Certo é que todos os povos se parecem reciprocamente, quando sôa a hora de descansar dos enfados e fadigas da vida.

D. PEDRO E D. JOÃO DO CARVAJAL.

[1312]

III

Padecimentos.

Se nasci por meu mal ver
E não por ve-lo acabado,
Melhor fôra não nascer
Que ver-me desesperado.

.....
Dei-me todo ao que padeço.
Um dia levou outro dia

.....
Por um mal outro conheço
.....

BERNARDIM RIBEIRO. —
1.º L. das Saudades. Rom.

«Viçosas esperanças minhas, meus encantados amores, meus florescentes desejos, que fiz eu de vós, ou que fizestes vós de mim? Vida tão pouco para ser vivida, que és tu agora aqui sepultada e perdida em trevas? Luz de minha alma, chamma quasi extincta, ó minha rasão, se só me has de mostrar o edi-

ficio arrasado de sonhadas venturas, por que me não deixas antes e me não abandonas?»

E estas palavras sabiam lentas, dolorosas e mergulhadas em pranto dos labios de D. Pedro do Carvajal, prostrado junto de seu irmão ensanguentado e sem accordo.

«Victima infeliz de teu grande coração, eis-te ahí retalhado de golpes, com o peito aberto e as veias rasgadas, que peito e veias foram escudo a quem tão pouco te conhecia. Teu braço armava-se pelo meu braço, teus olhos vigiavam pelos meus olhos... e cahiste, irmão desventurado, e ficaste-me aos pés... e recebeste no teu seio a ferida que me enviavam ao coração.»

Aqui fez-se grande silencio, só interrompido por fundos soluços e por um respirar apressado e febril como de pessoa que agonisa. Depois o misero D. Pedro que assim se lastimava ergueu-se, e soltou em roda um olhar tão cheio de dor e tão carregado de afflicção, que parecia despedir-se-lhe a alma nelle.

«Que é isto que me cerca — continuou o desgraçado — são estas as galas do meu palacio do Carvajal? É este o abrigo que me resta para meu irmão moribundo e para mim abandonado?... E era assim que deviamos de acabar... nós tão presados de nosso pai, nós tão affagados de nossa mãe!»

Levantava as mãos ao céu com intima e despedaçadora angustia, e de novo ajoelhava junto do infeliz D. João, que pallido como um marmore, e sempre desaccordado, mais parecia pertencer á outra que a esta vida.

«Oh! irmão de minha alma, e heide ver-te aquí, assim, tu tão proximo da morte, e eu tão longe de dar-te vida! Que mal fizemos a Deus, que irremissivel peccado commettemos cá no mundo para tão tristes nos vermos e tão desamparados!»

E a dor do desgraçado, immensa, profunda, e ora manifesta por violentos movimentos de desesperação, ora sombria, pesada e negra, só a podereis calcular quando imaginardes dois irmãos que se amavam d'alma, um delles traspassado de quatro golpes medonhos, estirado sobre a pedra fria e dura, sem movimento e quasi sem alma, o outro já tomando-o nos braços e embalando o brandamente como uma mãe faria a seu filho, já encostando-lhe a cabeça na lagea e buscando remedio a tanta afflicção no proprio desespero; e ambos encerrados entre muralhas de pedra e grades de ferro, n'uma prisão escura e humida... sim n'uma prisão, sem nenhum soccorro humano, sem consolo, e sem auxilio... quando tal imaginardes tereis então uma sombra dos padecimentos d'aquelles infelizes, a qual mais ferido, a qual mais digno de dó.

E para que vós, pios leitores, saibaes por que meios, depois dos acontecimentos narrados no antecedente capitulo, as cousas se acham no estado em que tenho a honra de vo-las appresentar, tende a bondade de me acompanhar até á praça ou terreiro por onde já vos fiz dar um passeio e ouvi o que a multidão vozêa.

E manhañ clara: um cadaver com o peito cavado por muitas feridas mortaes está junto do alcaçar dos Laras. A turba apinha-se em torno; de cada cabeça e de cada boca faisca um commentario. — É força porem que o cadaver seja de homem bem ignobil ou bem abandonado, para que a estas horas se ache só no terreiro, theatro de tão singulares successos, esquecido e sem sepultura — direis vós. Mas não, responder-vos-hei, nem uma nem outra cousa: é o cadaver de Benavides; não podem recolhe-lo parentes, que seus parentes vivem na extremidade da Castel-

la; não o recolhe o rei com quem privára, que os privados dos reis são como os bonitos das creanças — poem-se de parte apenas se quebram — agora inúteis, logo esquecidos.

«Coitado! tão bom senhor que era» — dizia um dos peões curiosos.

«E quem o poria em tão dolorido estado?» — murmurava outro.

«Foi algum d'esses condes orgulhosos...»

«Que lhe tinham raiva porque fazia bem ao povo...»

«E que o invejavam porque o povo o abençoava.»

«Foram os irmãos Carvajales...» disse uma voz forte que sobresahiu na multidão.

«Os irmãos Carvajales!... mas elles eram seus amigos intimos...»

«Mentira — os irmãos Carvajales são também protectores do povo.»

«Os irmãos Carvajales — tornou a voz do que tanto sabia — foram hontem encontrados, um também ferido, outro com a espada tinta em sangue junto do assassinado — Yolanta de Lara era amada de um delles, e Benavides ha muito amava em silencio a formosa Yolanta. — Os irmãos Carvajales foram por ordem d'elrei, que está sobre modo anojado e colérico, sepultados no carcere mais medonho do castello de Burgos.»

Sobre isto choviam reflexões e argumentos. — A curiosidade satisfiz-se por fim e a multidão foi pouco a pouco desimpedindo o terreiro, levando cada um em sua alma uma nuvem que lha toldava tristemente, que victima e accusados eram igualmente amados do povo. — Só ficou o cadaver, e se no resto do dia algum dos que passavam parava a examina-lo, ou fazia alguma pergunta, havia logo uma voz como a que satisfizera a curiosidade do povo, que lhe dava uma resposta igual.

O leitor que sabe toda a innocencia dos nossos heroes, terá sem duvida advinhado em tudo o que se passou, um enredo habilmente calculado pelos Laras, para deitarem a perder os miseros seus inimigos, e nos que tanto se apressavam em responder aos curiosos agentes seus, que pouco a pouco espalhavam no povo o fel, que já elles tinham entornado no coração do rei. — Mais tarde veremos como foi conduzido este enredo tenebroso. Voltemos agora aos tristes prisioneiros, que tão tristes e tão sós deixámos.

Com a agua dos seus olhos lavava D. Pedro as feridas do mui querido irmão; faltavam-lhe porem os meios de lhas concertar e remediar, e era isto o que sobre tudo lhe doía nas raizes do coração. Conheciasse que vivia pela alta respiração, mas esta mesmo cada vez mais cortada e intermitente anunciava total aniquilação, se lhe não acudissem prompto. As proprias roupas que D. Pedro rasgara para estancar sangue tão presado, não valiam a vedar-lho, e as feridas pavorosamente abertas, iam pouco a pouco vomitando a vida de um, e bebendo a de outro.

«Meu Deus, meu Deus! — dizia o triste, apertando a cabeça nas mãos e sentindo o coração estorcer-se-lhe dentro do peito — que hei-de eu fazer em tão grande desamparo; hei-de ver-te aqui morrer debaixo de meus olhos, sem poder valer-te senão em acabar contigo!... Meu Deus, meu Deus! quem nos ha-de já agora salvar.» —

Nisto um surdo gemer de portas que se abriam fez-se subito sentir — depois o leve rumorejar de vestidos que roçavam pelas paredes humidas — depois uma como branca apparição que quasi se não sentia, um vulto ligeiro, esbelto e melindroso, cuberto d'alvas roupas e véus, que parecia escorregar por

entre as sombras, e aproximar-se como um pensamento de consolação, ou um serafim mandado pelo Senhor.

D. Pedro absorto não podia crer os seus olhos.

«Paz aos nobres prisioneiros: eis-aqui a vossa serua que vem socorrer-vos.» Pronunciou uma voz ligeiramente lagrimosa que cantava no coração. — O vulto arrojou o seu branco véu.

D. Pedro cahiu de joelhos entre o irmão e a nova hospeda da sua prisão, já para elle mudada agora. — Longo tempo considerou em religioso silencio a consoladora apparição. Por fim um longo suspiro aliviou-lhe o peito e novas lagrimas, mas, desta vez, menos pungentes rebentaram-lhe dos olhos avidos.

«Anjo, Anjo de Deus, quem te enviou em nosso auxilio?»

A donzella não respondeu. Branca como seus vestidos, dois limpidos fios d'aljofares lhe orvalhavam os lyrios das faces — e nesta hora era sublime.

Não respondeu — brandamente inclinada para o infeliz com uma das mãos lhe enxugava os prantos... com a outra indicava o céu!

(Continuar-se-ha.)

Os Estados Pontificios.

PARA certo complemento das noticias, que a respeito de Roma moderna temos dado, trataremos hoje dos dominios do Summo Pontifice, considerados collectivamente como estado politico, e tomando por base a resenha dos escriptos geographicos mais exactos publicada neste e no passado anno. Este senhorio temporal dos papas abrange uma porção de territorio, lançada atravez da Peninsula italiana, em direcção obliqua desde a costa banhada pelo Mediterraneo até o golpho do mesmo, chamado Mar Adriatico ou de Veneza: a sua largura varia com muitas desigualdades, e a superficie total é de 13:117 milhas quadradas romanas. (1) Se o considerarmos geographicamente, reparti-lo-hemos em tres grandes divisões: — 1.^a provincias do norte, que se estendem desde os Apenninos Toscanos até a Lombardia, comprehendendo as quatro legações de Bolonha, Ferrara, Ravenna e Forli, com perto de um milhão d'habitantes: — 2.^a que se póde denominar oriental, corre de Rimini até as fronteiras de Napoles, com 110 milhas ingl. de costa ao longo do Adriatico, terreno fertil e habitado por gente industriosa: divide-se nas provincias de Pesaro e Urbino, Ancona, Macerata, e Fermo e Ascoli, cuja população reunida sobe a 800:000 almas — a 3.^a, ou divisão meridional, a mais extensa posto que menos povoada que as duas, é a mais importante por conter a capital: incluye a terra classica do Lacio e outras, que formavam o primordial estado de Roma antiga: dilata-se da cordilheira central dos Apenninos ao sul para o Mediterraneo, e consta das provincias de Perugia, Spoleto e Rieti, Viterbo, Frosinone, e Roma, numerando-se-lhes 900:000 habitantes. Se encerra torrão ingrato, como o *agro romano*, por outro lado tem sitios excellentes, e bem povoados; contam-se entre as bellezas da Italia, o largo valle de Foligno e Spoleto, o de Terni, a chapada de Rieti, e o rico terreno circumvisinho a Perugia.

A divisão administrativa é em 14 provincias; a população total segundo os *papeis officiaes* do governo 2:742:000 habitantes, todos catholicos, á excepção de uns dez mil judeus dispersos por algumas ci-

(1) Setenta e quatro milhas romanas fazem um gráu de latitude.

dades principaes. As provincias, menos a *Comarca de Roma*, intitulam-se *delegações* e os representantes do soberano *delegados*, que sempre são dignidades ecclesiasticas; sendo porem cardeal chama-se *legado*, e a provincia assume o nome de *Legação*. Estes presidentes decidem com um conselho composto de quatro seculares, nomeados pelo papa: presidem tambem aos conselhos ou juntas provinciaes que deliberam sobre os negocios locais e de fazenda: os membros destas juntas são nomeados por eleitores, que se reúnem nas cabeças dos districtos, e são escolhidos pelas *communas* ou municipios: de dois em dois annos renova-se por via de eleição um terço dos membros do conselho. Cada provincia reparte-se em districtos, e os districtos em *communas*; estas constam d'uma cidade ou grande povoação com seu termo. Em cada districto ha um *governador*, de nomeação pontificia, que é tambem juiz em primeira instancia, e subordinado ao delegado na parte administrativa, porem não em a judicial. O conselho da *communa* ou municipio consta de 48 membros nas capitães, de 36 ou 34 nas cidades menores, e de 18 quando não ha mais de mil habitantes: este numero é tirado em proporções iguaes, das duas classes, nobres e proprietarios: o cargo é vitalicio e hereditario. Deliberam sobre os respectivos negocios municipaes, e todos os annos em Agosto redigem a *tabella di prevenzione*, ou orçamento da despeza provavel no anno seguinte e dos meios de occorrer a ella, incluindo impostos additionaes e locais, se tanto é preciso: a tabella é apresentada ao delegado, que a examina, e transmite á junta creada em Roma com o nome de *Congregazione del buon governo*, que a approva ou modifica. Affixada a tabella, fica sendo lei, de que nenhuma auctoridade se póde afastar. O mesmo conselho tambem nomea os magistrados populares, os seus officiaes e os de policia, o mestre-eschola, o boticario e o cirurgião que tem estipendio fixo para curar os pobres de graça. As suas rendas consistem principalmente em impostos nos generos que vem ao mercado, e quando os direitos não chegam suppre-se o deficit com derramas: as despezas são os salarios dos empregados, os reparos das estradas, fontes e edificios publicos, e outras de menos monta.

O governo central é uma monarchia electiva de que o papa é soberano absoluto; o seu conselho de estado é o collegio dos cardeaes, a quem consulta ou reunidos em congregações especiaes, ou para casos maiores em pleno consistorio: os dois principaes ministros são o cardeal secretario d'estado, e o cardeal camerlengo: o primeiro trata os negocios estrangeiros e do estado, nomêa-o o pontifice reinante, e por morte deste larga o exercicio ministerial; o segundo é cargo vitalicio, é o ministro da fazenda, com um thesoureiro, immediato subalterno. O governador de Roma obedece ao secretario d'estado; mas é revestido de grande poder discrecional quanto á policia da cidade e comarca. O tribunal *Sacra Consulta*, composto de cardeaes e prelados, superintende a administração das provincias: é tambem curia de appellação em materias criminaes. Os negocios militares são dirigidos por um prelado e tres officiaes generaes. Todo o Estado Pontificio reparte-se em tres divisões militares, Roma, Ancona, e Bolonha: cada uma tem seu inspector. O exercito consta de dez batalhões de infantaria romana com 7:200 homens, dois regimentos suissos com 4840 ditos, de cavallaria dos naturaes 1050, d'artilheria ditos mil, de artilheria de suissos 250, um corpo de atiradores mil, outro de carabineiros, que fazem o serviço policial, com a força de 2:500 pra-

gas; 1:500 guardas d'alfandegas: total 18:740 homens; alem dos quaes ha diversos batalhões de milicianos e voluntarios.

Para as causas civis ha em cada capital de provincia um juiz, conhecido pelo nome de *Pretor*; dois tribunaes de appellação especie de *Relações*, uma em Roma outra em Bolonha; e uma curia suprema, *La Segnatura*, na primeira cidade. Os tribunaes ecclesiasticos em cada diocese julgam as questões entre clerigos, e tambem entre leigos, quando estes por ahí as intentam sentenciadas. Para causas crimes ha um collegio juridico em cada provincia, e dois de appellação em Roma e Bolonha. Quando a appellação sobe á presenca do soberano, o *Uditore santissimo*, prelado da primeira classe, julga em ultima instancia. A inquisição e outros tribunaes continuam a tomar conhecimento dos casos de suas particulares jurisdicções. As penas ordinarias são prisão ou trabalhos forçados; raras vezes se impõe a capital: os tormentos foram abolidos.—Em algumas cidades se estabeleceram tribunaes privativos de commercio.

As rendas dos Estados Pontificios ou da Igreja montam a nove milhões de escudos romanos (2): procedem principalmente do imposto territorial, direitos d'alfandegas, ditos sobre generos dos mercados, monopolio do sal e do tabaco, sello, e lotarias. Mas como alguns annos ha a despeza annual tem excedido consideravelmente a receita, tem sido supprido o deficit com emprestimos additionaes e as emissões de bilhetes como os *exchequer-bills* ingleses. O juro da divida consolidada passa de dois milhões de escudos.

Postoque o estado romano tenha duas costas maritimas não possui força naval, porque toda esta se limita a uma pequena escuna e aos barcos e escaleares de Ancona e Civita-Vecchia, os dois portos principaes. Ancona está sobre o Adriatico, é porto franco e de bastante commercio, o melhor entre Veneza e Manfredonia, é cidade bem povoada com excellentes suburbios; negoceia principalmente com as ilhas Jonias e terras de Levante: para as primeiras andam de continuo paquetes: exporta cera, laã, seda e trigos. Civita-Vecchia jaz na costa opposta, a 36 milhas de Roma. Ostia, que foi o famoso porto do Tibre, quando os romanos imperavam no mundo, está hoje incapaz pelo entulho das arêas e lodo na foz do braço daquelle famigerado rio, que alli vem desembocar: o outro ramo do Tibre, alargado por Trajão, e conservado pelos pontifices, para comunicação entre Roma e o mar, vem entrar neste em Fiumicino. De inverno chegam a Roma embarcações de 150 e de mais algumas toneladas; mas de verão só lá podem chegar barcos de 40 a 50; e ainda assim quasi puxados á sirga das margens por bufalos, que fazem o serviço de bois. Nesta parte do Mediterraneo não é perceptivel a maré. O commercio maritimo é principalmente feito por estrangeiros, por austriacos, em mais de 400 navios, no Adriatico; e por napolitanos, genovezes e toscanos nos portos da outra costa no Mediterraneo. A população do estado papal é essencialmente agricultora e creadora de gados. As marinhas de Cervia e Commachio dão grande abastecimento de sal.

O FAMOSO D. DUARTE DE MENEZES.

D. Duarte de Menezes, conde de Vianna, foi filho natural de D. Pedro de Menezes, conde de Villa-

(2) O escudo romano, tomando por termo de comparação a libra esterlina, valerá 883 réis.

Real, primeiro capitão de Ceuta, para onde levou muito menino a este seu filho, o qual logo começou a dar patentes provas de seu insigne valor, e de rara prudencia, contando apenas dez annos. De treze o armou cavalleiro o conde seu pai sobre uma bisarra facção, em que por duas vezes derrotou um bom corpo de infieis, deixando a estes tão medrosos como aos seus admirados de tão singular esforço em idade tão tenra. Foi crescendo em annos e em victorias: pelejou vezes sem numero e outras tantas venceu. Nem a fragosidade das terras, nem a fortaleza dos logares, nem a multidão dos inimigos retardavam o impeto das suas invasões. Perpetuamente os trazia inquietos, fazendo continuas entradas, muitas leguas pela terra dentro, pelejando sempre com igual partido mas com fortuna igual. Já os mouros das terras adjacentes lhe offereciam vassalagem, e não admittida delle as deixaram temerosos. A cidade de Tetuão se despovoou inteiramente em seu tempo, porque lá chegava repetidas vezes o agoute de sua ira, e o estrago do seu furor. E assim esteve em quanto elle governou Ceuta na ausencia de seu pai, por cuja morte veio a Portugal, e por ordem do infante D. Pedro, então governador do reino, entrou duas vezes por Castella com mão armada contra os infantes d'Aragão, e da primeira conseguiu uma singular victoria, derrotando muitos castelhanos com poucos portuguezes. Da segunda não achou contradicção, porque quando lá chegaram as cousas já compostas. Voltou para Africa com elrei D. Affonso 5.^o, e conquistada a praça d'Alcaçar, o mesmo rei lh'a entregou, e elle a defendeu de dois memoraveis assedios. E não se conteve só nos limites da defesa, se não que repetidas vezes entrou pelas terras circumvisinhas, fazendo nellas grande estrago, e reduzindo muitas á sua obediencia. Em uma destas occasiões, pondo os mouros em fugida, foi seu filho D. Henrique de Menezes [depois conde de Loulé], seguindo um e se lançou atraz delle pelo mar dentro, e o matou com tanto risco de affogar-se, que andou largo espaço luctando com as ondas. Passava o conde seu pai seguindo a victoria, e vendo ao filho naquelle perigo nem por isso se deteve a acudir-lhe, atropellando as obrigações da natureza por não faltar ás do officio. Ajudou ao duque de Medina Sidonia, D. João Peres de Gusmão, na conquista de Tarifa, e quando os mouros se entregaram, não quizeram outros refens para sua segurança mais que a palavra de D. Duarte, e debaixo della se guardaram pontualmente as capitulações. E outras muitas vezes em semelhantes casos lhe succedeu o mesmo: — tanto fiavam os infieis da palavra deste insigne capitão, o qual foi morto no dia 21 de Março de 1464, em um desastrado recontro. Casou duas vezes, a primeira com D. Isabel de Mello, de quem teve uma filha que casou com D. João de Castro, filho herdeiro do conde de Monsanto. A segunda com D. Isabel de Castro, da mesma casa de Monsanto, de quem teve a D. Henrique de Menezes, que lhe succedeu na casa, porem não no titulo, por lhe mudarem o de Vianna no de Loulé. Foi juntamente capitão d'Alcaçar e de Arzila, e por suas altas cavallarias um dos grandes capitães daquelles tempos, em que os houve insignes. Teve mais a D. Garcia de Menezes, e a D. Fernando de Menezes, e finalmente a D. João de Menezes, que floreceu em tempos dos reis D. Affonso 5.^o, D. João 2.^o, D. Manuel, e D. João 3.^o, e de todos conseguiu singulares estimações, e por seu grande talento e acreditado valor o occuparam nos postos de maior reputação. Foi general de Tanger e de Arzila em Africa, e em Portugal o foi das armadas do mar oceano, e

da que elrei D. Manuel mandou em soccorro de Veneza: foi aio de elrei D. João 2.^o, governador da casa de seu filho o principe D. Affonso, mordomomór d'elrei D. Manuel, prior do Crato, conde de Tarouca, e alferes-mór de Portugal.

Rosa de Jerichó. — A planta, que assim denominam, nem é rosa, nem é de Jerichó, nem tem a propriedade, que lhe attribuem, de abrir em a noite de Natal e conservar-se aberta até o dia da Purificação [2 de Fevereiro]. É uma especie de arbusto, que não nasce em Jerichó [Palestina] nem em seus contornos, mas na Arabia deserta, e com suas ramas duras e ligneas se compoem em figura de ramilhete. A propriedade que tem é que com a humidade se abre e com a sequeidão fecha; portanto é um excellente hygrometro natural. Alguma vez que o tempo começasse a humedecer em a noite de Natal, continuando assim até o dia da Purificação, abrindo a chamada rosa, daria lugar ao erro commum, que mencionamos, de que sempre acontece o mesmo. Pondo-a em agua, especialmente quente, nunca deixa de abrir-se. O uso em que a empregam as mulheres proximas ao parto é ridiculo e supersticioso. Que este arbusto só nasce na Arabia deserta assevera João Ray no tom. 2.^o da historia das plantas, e o confirmam algumas relações. — *Feijó.* — *Theatro Crit.* tom. 2.^o

GANHAMOS ordinariamente mais em ouvir do que em fallar: quando fallamos despendemos, quando ouvimos arrecadamos.

A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis annuncia aos S.^{res} Assignantes actuaes deste Jornal, residentes em Lisboa, que no principio do anno proximo futuro continuará a mandar-lhes os n.^{os} ás suas moradas, procedendo depois á cobrança por meio de recibos assignados pelos Directores. Aquelles S.^{res}, que não quizerem continuar, terão a bondade de assim o participar a tempo no Escriptorio da Sociedade.

Os S.^{res} Assignantes nas Provincias, em terras onde a Sociedade não tem correspondentes, são avisados para renovarem com tempo (querendo) as suas subscripções, enviando a importancia pelo Seguro do Correio Geral, franca de porte.

Tendo os distribuidores do Panorama algumas vezes entregado conjunctamente com os exemplares deste Jornal Prospectos de alguns livros que se publicam; a Direcção previne o publico de que tão sómente são obras dadas á luz pela Sociedade as que nos Prospectos vão como taes expressamente annunciadas.

ERRATA.

No cap. 1.^o do romance — Arrhas por fôro d'Hespanha pag. 356 col. 1.^a . . 1371—2 lea-se 1371—3
 ” 357 col. 1.^a lin. 56 . . do crypto lea-se de crypta.
 ” 358 col. 2.^a lin. 47 . . filhos que d'ahi proviessem poderiam lea-se filhos que d'ahi proviessem não poderiam.
 ” 359 col. 1.^a lin. 51 . . sagaz lea-se sagêz.

Em a nota ao baixo da pag. 400 . . Vida de seu pai lea-se que escreveu a vida de seu tio,